

Eleições mudam o perfil do Congresso

Lydia Medeiros

O Congresso Nacional começará o ano de 1993 com uma nova composição. Com a entrada dos suplentes dos prefeitos eleitos, as bancadas sofrem pequenas alterações, principalmente as dos pequenos partidos. O PCdoB, por exemplo, engrossa sua bancada de cinco parlamentares na Câmara com a chegada de Sérgio Miranda, suplente do deputado Célio de Castro, vice-prefeito eleito em Belo Horizonte na chapa de Patrus Ananias. Castro, do PSB, deixa seu partido, que tinha dez deputados, com um representante a menos.

Segundo Célio de Castro, as alterações, no entanto, não comprometerão os blocos formados para disputar a presidência da Câmara em 1993, nem prejudicam os partidos que têm direito a um estrutura física para instalar os gabinetes das lideranças. Os maiores partidos, como o PMDB e o PFL, não somam nem diminuem com a eleição municipal. Saem da Câmara quatro deputados pefelistas e entram quatro suplentes do partido. No caso do PMDB, também nada muda com a posse dos oito prefeitos eleitos. O PSDB perde um deputado, já que o suplente de João Baptista Motta, prefeito eleito de Serra (ES), é Helvécio Castello, do PL, legenda que passará a contar com 20 deputados.

FOTOS: ARQUIVO



Eleições devolvem ao Congresso Shwartz e Lyra, ex-ministros de Sarney

Além das alterações na composição partidária, o Congresso terá novas caras em 1993. Depois da entrada dos 13 suplentes dos ministros parlamentares convocados por Itamar Franco, será a vez dos substitutos dos vencedores da eleição municipal e ainda daqueles que serão secretários municipais, como os deputados João Mellão e Ricardo Izar, do PL, recrutados para integrar o governo Paulo Maluf, em São Paulo. Como ocuparão cargos no secretariado de uma capital, Izar e Mellão não precisam renunciar a

seus mandatos parlamentares.

Voto — Entre os novos nomes do Congresso está o irmão de Egberto Baptista, ex-secretário de Desenvolvimento Regional do governo Collor, Gilberto Miranda, um próspero empresário da Zona Franca de Manaus, que começou a vida como porteiro de boate e instrutor de natação, considerado um dos pivôs no episódio da queda da ministra Zélia Cardoso de Mello.

Voltam à ativa na vida política gente conhecida como Fernando Lyra (PMDB-PE), o ex-ministro

da Justiça escolhido por Tancredo Neves que começou o governo Sarney, sendo substituído mais tarde por Paulo Brossard. Lyra retorna ao Congresso para completar seu sexto mandato como deputado federal, no lugar de Fernando Bezerra Coelho, novo prefeito de Petrolina. Outro ex-ministro de Sarney, Deny Schwartz, da Habitação e Desenvolvimento Urbano, chega à Câmara para ocupar a vaga de Rubens Bueno, do PSDB paranaense.

Para assumirem os cargos executivos para os quais foram eleitos, os novos prefeitos e vice-prefeitos parlamentares devem abrir mão de seus mandatos no Congresso. A maioria deles já assinou o chamado "termo de opção", que prevê a escolha entre o mandato parlamentar e o mandato na direção do executivo do município.

Ao todo, nove ex-deputados federais retornam à Câmara para mais um mandato. Além de Fernando Lyra, estão de volta Mauro Fecury e Albérico Filho, do PFL maranhense, Lélio Sathler, do PSDB capixaba, Edésio Frias, do PDT carioca — que ocupa o lugar de César prefeito do Rio, aumentando a bancada do partido de Leonel Brizola, adversário político de Maia, Airton Sandoval (PMDB-SP), Chico Amaral (PMDB-SP), Sérgio Spada (PST-PR) e Valdir Collatto (PMDB-SC).